

## ENUNCIANDO EXPEDIÇÕES: WILSON SEIXAS E OS DISCURSOS DAS ENTRADAS E CONQUISTAS NOS SERTÕES DA PARAÍBA, NA OBRA “O VELHO ARRAIAL DE PIRANHAS (POMBAL)” (1962-2004)

Emerson José Ferreira de Sousa<sup>1</sup>

 <https://orcid.org/0000-0001-5206-3220>

### RESUMO

O artigo investigou a obra “O velho Arraial de Piranhas (Pombal)”, de autoria do escritor paraibano Wilson Seixas, analisando como ela produziu discursos sobre as expedições de entradas e conquistas ocorridas nos Sertões da Paraíba durante o período colonial. Partindo da prerrogativa de que os discursos delineados por Seixas estabeleceram visões peculiares e identitárias sobre esses acontecimentos que marcaram a história local, trilhamos perspectivas teórico-metodológicas abertas por Foucault (1999; 2008), que compreendeu as enunciações e formulações discursivas enquanto categorias capazes de impor dadas versões para aquilo que circunscrevem. Neste sentido, a análise de discurso será aqui utilizada como um método capaz de escrutinar as descrições delineadas nesta obra, em que nos preocupamos com as formas, intenções e as consequências de seus enunciados. As descrições a respeito das entradas foram mobilizadas, em especial, com o intuito de figurar e particularizar os Sertões da Paraíba, enquanto os dizeres em torno das conquistas desses espaços serviram ao enaltecimento dos indivíduos que as promoveram, assim como das pretensas contribuições da colonização portuguesa para os sertões.

Palavras-chave: Expedições. Entradas. Conquistas. Sertões.

### ENUNCIATING EXPEDITIONS: WILSON SEIXAS AND THE DISCOURSES ON INCURSIONS AND CONQUESTS IN THE SERTÕES OF PARAÍBA, BRAZIL, IN THE WORK “O VELHO ARRAIAL DE PIRANHAS (POMBAL)” (1962–2004)

### ABSTRACT

The article investigates the book “O Velho Arraial de Piranhas (Pombal)” by the Brazilian writer Wilson Seixas, analyzing how it constructs discourses about expeditions of incursions and conquests that occurred in the *Sertões* of Paraíba, Brazil, during the colonial period. Starting from the premise that the discourses formulated by Seixas established peculiar and identity-related views on these events that marked the local history, we adopt the theoretical and methodological perspectives proposed by Foucault (1999; 2008), who understood enunciations and discursive formulations as categories capable of imposing specific versions of what they seek to define. In this sense, discourse analysis will be used here as a method to scrutinize the descriptions presented in the work, where we are concerned with the forms, intentions, and consequences of its enunciations. The descriptions regarding the incursions were mobilized, especially, with the purpose of depicting and particularizing the *Sertões* of Paraíba, while the statements about the conquests of these spaces served to exalt the individuals who promoted them, as well as the supposed contributions of portuguese colonization to the *sertões*.

Keywords: Expeditions. Incursions. Conquests. *Sertões*.

### ENUNCIANDO EXPEDICIONES: WILSON SEIXAS Y LOS DISCURSOS DE LAS ENTRADAS Y CONQUISTAS EN LOS SERTÕES DE PARAÍBA, BRASIL, EN LA OBRA “O VELHO ARRAIAL DE PIRANHAS (POMBAL)” (1962–2004)

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGH/UFRN). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História Regional e Saberes Locais (CNPq/UFCG). E-mail: [emersons933@gmail.com](mailto:emersons933@gmail.com).

## RESUMEN:

El artículo investiga el libro “O Velho Arraial de Piranhas (Pombal)” del escritor brasileño Wilson Seixas, analizando cómo produjo discursos sobre las entradas y las conquistas que ocurrieron en los *Sertões* de Paraíba, Brasil, durante el periodo colonial. Partiendo de la premisa de que los discursos formulados por Seixas establecieron visiones peculiares y relacionadas con la identidad sobre estos eventos que marcaron la historia local, seguimos las perspectivas teóricas y metodológicas propuestas por Foucault (1999; 2008), quien comprendió las enunciaciones y formulaciones discursivas como categorías capaces de imponer versiones específicas de aquello que circunscriben. En este sentido, se utilizará aquí el análisis del discurso como un método capaz de escrutar las descripciones delineadas en esta obra, en donde nos interesan las formas, intenciones y consecuencias de sus enunciados. Las descripciones sobre las entradas fueron movilizadas, especialmente, con el propósito de representar y particularizar los *Sertões* de Paraíba, mientras que los dichos sobre las conquistas de estos espacios sirvieron para exaltar a los individuos que las promovieron, así como las supuestas contribuciones de la colonización portuguesa a los *sertões*.

Palabras clave: Expediciones. Entradas. Conquistas. *Sertões*.

## INTRODUÇÃO

Vejamos o seguinte trecho do hino municipal de Pombal, cidade originada a partir da primeira povoação fundada nos Sertões da Paraíba durante o período colonial:

Grande Arruda, teus gestos teus feitos/Eloquentes fizeram medrar/O teu nome e por justos  
conceitos,/Fez o povo o teu ser consagrar./Ó Teodósio de Oliveira/Destemido brasileiro/  
Desbravou esta ribeira/Com mui denodo, altaneiro;/Comissário, linda serra,/Sobranceira,  
sem rival,/Simboliza e bem se encerra/Nas grandezas de Pombal! (Seixas, 2004, p. 439).

Composição de 1956, o hino é de autoria de Newton Pordeus Seixas. Ele era pai de Wilson Nóbrega Seixas (1916-2002), intelectual paraibano que, embora odontólogo de formação, trilhou pelos caminhos da escrita da história. Enaltecendor das origens locais, o hino é sintomático do enraizamento da família Seixas em relação à memória e à identidade pombalense, tanto que, em 1962, justamente no centenário da elevação de Pombal à categoria de cidade, Wilson Seixas lançou o livro *O velho Arraial de Piranhas (Pombal)*. Tida como referência obrigatória para a história do interior paraibano, a obra alçou o autor ao lugar de “historiador oficial de Pombal”.

Nascido nesta cidade, e ainda que tenha residido, na maior parte da vida, na capital paraibana, Wilson Seixas manteve forte identificação com Pombal e com os sertões paraibanos. Já pudemos notar que ele era oriundo de famílias tradicionais da região, os Seixas e os Pordeus, o que se faz representar no fato de que seu pai, além de autor do hino, nomeia uma tradicional escola em Pombal.<sup>2</sup> São afiliações que denotam a relação deste escritor com a origem e a trajetória da sua terra, relação notadamente expressada nas páginas que escreveu, eivadas de olhares peculiares, no que diz respeito

---

<sup>2</sup> Sobre estes e outros dizeres em torno da trajetória de Wilson Seixas, ver a página de Clemildo Brunet (2012).

às características e às realidades sertanejas, conforme demonstraram estudos como os de Ceballos e Lacerda (2017) e Pereira e Macedo (2023).

Com a colaboração de Jerdivan Nóbrega e Verneck Abrantes, pesquisadores e escritores da história de Pombal que muito reproduziram as concepções de Wilson Seixas, este autor preparou a publicação de uma segunda edição de *O velho Arraial de Piranhas (Pombal)*, que ocorreu em 2004, quando já eram decorridos dois anos de seu falecimento. Lançada quase meio século após a sua primeira edição, o que representa a própria projeção histórica da obra, a nova publicação foi revisada e ampliada. Optamos por trabalhar com esta segunda edição, que, por estar situada em período mais recente, nos possibilitou observar a inserção do livro e dos discursos dele advindos em outra temporalidade, inclusive mais próxima do que a sociedade local é atualmente. Prerrogativa que nos deixa mais seguros em relação à relevância da obra na posteridade, tanto que o recorte temporal abordado compreende o intervalo entre as duas edições do livro.

Em *O velho Arraial de Piranhas (Pombal)*, o autor intencionou tratar, conforme descreveu, “da origem e evolução histórica deste velho município sertanejo” (Seixas, 2004, p. 119). Foi por meio deste livro que Wilson Seixas se consolidou no cenário intelectual da Paraíba novecentista, tanto que, três anos após lançá-lo, ele se associou ao Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, IHGP – entidade ligada ao Estado e voltada para a produção da memória e da identidade paraibana, definidora da produção da história local neste período (Dias, 1996).<sup>3</sup>

O livro constitui um conjunto de apanhados históricos, concentrando-se em apresentar fatos, documentos, personagens, datas, instituições e práticas culturais consideradas marcantes para a história de Pombal, desde o período anterior à colonização sertaneja até meados do século XX. Acontece que, para discorrer sobre o que considerou a origem do assim chamado velho município, o livro remeteu, em sua primeira metade, às entradas, conquistas e à colonização nos Sertões da Capitania da Parahyba do Norte de fins do século XVII e início do século XVIII. E a povoação que daria origem à Pombal foi a primeira fundada no território junto a esses acontecimentos, abrigando entidades administrativas – a exemplo do julgado e da freguesia – com jurisdição sobre o sertão de Piancó e Piranhas, nome oficial do território nesse período (Lacerda, 2021). Falar da origem de Pombal é falar da origem dos sertões paraibanos.

Destarte, *O velho Arraial de Piranhas (Pombal)* se afigurou como obra notável de uma clássica historiografia que regeu o discurso histórico na Paraíba durante a maior parte do século XX, até a emergência de uma historiografia acadêmica no Estado, a partir dos anos de 1970, conforme

---

<sup>3</sup> De acordo com notas biográficas constantes na revista do IPGH (2017, p. 40), Wilson Seixas foi: professor, Dentista do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) e do INPS (depois INSS e Previdência Social); membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), da Associação Paraibana de Imprensa (API), da Academia de Letras de Campina Grande, da Associação de Odontologia de Campina Grande, do Conselho da Fundação Laureano e sócio Fundador do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica (IPGH).

assinalou Nascimento (2016). Para o caso dos sertões, é ainda uma obra de referência. Embora pouco problematizada enquanto objeto de uma história da historiografia, domínio teórico que se ocupa em historicizar o discurso dos historiadores (Malerba, 2006; Araujo, 2006), ainda é citada em estudos que historiam estes sertões. Maior que isto talvez seja o alcance social que as visões nela veiculadas conseguiram atingir, pois um público não acadêmico percebe e reproduz fatos históricos relacionados a Pombal e aos sertões a partir da forma como foram delineados pelo discurso de Wilson Seixas.<sup>4</sup> Como obra do seu tempo, o livro tem uma escrita identificada, foi produzido para “círculos sociais elitistas” e romanceia o mito das origens dos sertões.<sup>5</sup>

Disto decorre pensar que os olhares de Seixas sobre as entradas e conquistas nos Sertões da Paraíba tomaram posição em favor da pretensa evolução deste território, denotando carga valorativa em torno da colonização, e constituindo, portanto, um discurso regionalista. Na perspectiva de Albuquerque Júnior (2019), esse tipo de discurso promoveu o rapto do sertão, a captura do conceito de sertão por enunciados que o particularizam. No caso, com base em Foucault (1999), entendemos que este discurso é um dizer materializado na escrita. Em uma obra que representa recortes específicos da sociedade à qual se destina, a produção do discurso é repleta de operações que visam enquadrá-lo e torná-lo um instrumento de saber e poder (Foucault, 1999). Assim sendo, tomamos aqui as formulações discursivas como formas de cristalizar pretensas verdades.

Como, então, as entradas e conquistas nos sertões foram formuladas discursivamente em *O velho Arraial de Piranhas (Pombal)*? Que visão sobre o tema Wilson Seixas buscou expressar? Nossa metodologia consiste na análise do discurso historiográfico presente na obra, análise na qual estão implicadas as especificidades, os processos de emergência e as intencionalidades próprias ao campo discursivo (Foucault, 2008). Significa reforçar os saberes historiográficos como discursos implícitos em regras, formas e intenções de produção. Trata-se de investigar o que a obra diz, como e por que ela diz, quais suas intenções e as razões de seus silenciamentos.

## AS ENTRADAS: RUMO AOS “DESCAMPADOS E MISTERIOSOS SERTÕES DA PARAÍBA”

Estudos dedicados ao Brasil Colonial, dentre os quais podemos citar o de A. Wehling e M.C. Wehling (1994), indicam que as expedições de entradas para os sertões ocorreram junto aos processos de interiorização das ações colonizadoras da coroa portuguesa. Todavia, dentro dessa expansão rumo ao interior, tais entradas apresentavam, contextualmente, formas distintas. Elas poderiam diferir, por

---

<sup>4</sup> No prólogo da segunda edição, Verneck Abrantes afirmou que Seixas alicerçou a base histórica de Pombal ao lançar um livro que se tornou um referencial para a cidade. Outro colaborador, Jerdivan Nóbrega, ao escrever nota preliminar à segunda edição, relatou que foi por meio de um exemplar do livro dado como presente à sua família quando foi lançado em 1962 que ele e seus irmãos aprenderam as primeiras letras.

<sup>5</sup> Sobre tais perspectivas, ver estudos como os de Dias (1996), Ceballos e Lacerda (2017) e Monteiro e Carreiro (2021).

exemplo, das bandeiras, que tiveram conotações mais específicas e particularizadas, objetivando localizar ouro e realizar o apresamento de indígenas e escravizados em fuga.

No entanto, na tentativa de exacerbar as realizações daqueles que penetraram nos interiores das Capitanias do Norte entre os séculos XVII e XVIII, Wilson Seixas foi genérico. Ele não se preocupou em diferir ou especificar essas ações expedicionárias que objetivaram alcançar os sertões ao afirmar: “rigorosamente, não fazemos diferença entre *bandeiras* e *entradas*, porquanto bandeirantes foram todos os que souberam heroicamente defender as Capitanias do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, contra as investidas dos brasilíndios” (Seixas, 2004, p. 136, grifo do autor). Como atos heroicos, quaisquer que fossem as entradas àquele interior, elas constituíam bandeiras na concepção colocada.

Na conotação reverberada na afirmativa, as entradas, que na prática representavam movimentos de fora para dentro em relação ao território alcançado, foram tomadas pelo autor como ações de defesa contra as “investidas” daqueles povos originários que já habitavam os sertões. Em tal acepção, no contexto das entradas e invertendo-se a lógica, quem atacava eram os indígenas e quem defendia era o colonizador. Neste discurso, entrar é o mesmo que proteger, é se posicionar em terreno inimigo para salvaguardar interesses próprios.

Assim delineado, o discurso de enaltecimento das entradas impõe sobre elas sentidos que ultrapassam o “simples fato” de se penetrar e conquistar um território. De início, podemos pensar que na obra em questão a entrada implica uma relação indigesta com *um outro*, o indígena, e pressupõe “atitudes nobres” dos valorosos sertanistas, como também eram chamados os indivíduos que executavam aquelas expedições rumo aos interiores da colônia. Revela, ainda, um modo por meio do qual o autor concebe a sua ideia de sertão, um espaço eivado de concepções pejorativas, como melhor discutiremos adiante. Dando este sentido às entradas/bandeiras, Wilson Seixas expôs o seu enfoque na conquista e povoamento do interior, ações definidoras da forma como ele compreendeu a evolução territorial e social dos Sertões da Paraíba.

Tal como formuladas na obra, as entradas definiram as frentes de expansão que, naquele período, ambicionaram expandir as fronteiras da colonização nas chamadas capitanias do Norte. O autor utiliza essa prerrogativa à medida que vai relacionando os movimentos que expandiram a possessões portuguesas na então Capitania da Parahyba do Norte com os aspectos que “contribuíram” para a formação social daqueles sertões.

Consta, na historiografia local, que as expedições que alcançaram o interior paraibano ocorreram em duas frentes de expansão. Inicialmente, os acessos aos sertões foram abertos pela Casa da Torre, influente e extensa propriedade cuja sede se encontrava na Bahia, que neles conquistou, adquiriu e arrendou terras. Posteriormente, outro acesso ocorreu quando sertanistas a cargo do governo da Capitania da Parahyba adentraram neste território (Lacerda, 2021; Moraes, 2023). Seixas

comentou sobre as duas entradas, utilizando-as inclusive para figurar e particularizar a entrada efetuada pelos “paraibanos”. Com referências aos “difíceis acessos” impostos pelo rio Paraíba e pelas serras de Santa Catarina e Bongá, assim ele descreveu:

Podemos afirmar, sem medo de contestação, que, antes de uma entrada *genuinamente nossa*, partindo do litoral, e percorrendo a região que vai desde a foz do Paraíba aos contrafortes de Santa Catarina e Bongá, estabelecendo uma rede de integração territorial, os campos dos índios jenipapos, coremas, panatis, pegas e icós pequenos estavam já devassados pela *famosa* Casa da Torre. Sem dúvida, foi ela quem primeiro abriu caminho nos *descampados* e *misteriosos* sertões da Paraíba (Seixas, 2004, p. 156, grifo nosso).

O autor fala de campos e, ao mesmo tempo, de descampados, porque remete a uma área restrita, ocupada, porém, aberta e de vegetação dispersa. Ele também confere fama àqueles pioneiros que ousaram imergir em terras misteriosas, terras repletas de indígenas que, na sua concepção, as tornavam assombrosas. Assim, o texto faz uso do contexto inscrito nas expedições para constituir os sertões como espaços historicamente particularizados, como se essas pretensas características só pudessem ser atribuídas ao interior paraibano e como se o autor tivesse estado ali 300 anos atrás. Conforme salientou, “sem medo de contestação”, estaria ele a descrever fatos, personagens e paisagens de modo “singularmente fiel”.

Em um exercício contemplativo dos acontecimentos que ali se sucederam, Wilson Seixas julgou ser preciso (des)caracterizar os sertões para engradecer as expedições, pois, afinal, uma entrada em caráter heroico não se poderia realizar em local convidativo. Às condições geográficas, os ora “selvagens”, ora “inocentes indígenas” e o destemor e bravura dos sertanistas são elementos que fizeram parte de formações e regularidades discursivas – para usarmos novamente noções de Foucault (2008) – engendradas por Seixas para determinar modos de ver, dizer e fazer compreender as entradas aos Sertões da Paraíba, como também eles próprios.

Ao discorrer sobre “uma entrada genuinamente nossa”, o texto fez referência às expedições a serviço da própria Capitania da Parahyba que dariam início ao real povoamento daquele interior. É o momento no qual Seixas expõe e impõe contações particularizadas às ações perpetradas por indivíduos que intencionavam estabelecer-se naqueles sertões. Nesta concepção, a bandeira que alcançou aquele setor do interior da Capitania – por ele chamado de nosso “*hinterland*”, em alusão a terras distantes e diferentes – teria de confrontar-se com empecilhos criados por indígenas que habitavam e defendiam o território, dificultando o pretendido povoamento local. Um povoamento que só poderia ocorrer pela ótica colonial. Vejamos:

Tal era a situação nossa com relação ao *problema* etnográfico e mesmo antropológico, até o ano de 1696, quando se efetuaram, oficialmente, as primeiras expedições em busca do sertão paraibano, sob a direção de Teodósio de Oliveira Ledo. Descendo a Borborema, Teodósio chega até Pombal e, no rio “Quinturá” – nome com que os brasileiros o apelidaram o rio Piancó, “que corre de sul para norte e vai fazer barra nas Piranhas” – faz o seu primeiro povoamento de colonização sertaneja (Seixas, 2004, p. 125-126, grifo nosso).

Por problema etnográfico e antropológico nos sertões, o autor entendeu a presença nativa, que ali, da forma como foi descrita, constituía um outro cultural, uma espécie de obstáculo aos idealismos sociorreligiosos que adentravam. Ainda que Seixas tenha supostamente remetido também ao “baixo” povoamento do território, ele reforçou que os indígenas dificultavam as relações em um espaço visto como incivilizado. As entradas viriam a sanar esse “problema”, sendo colocadas como ações coercitivas e corretivas, como ações que mitigariam a pretensa desordem que o (dese)encontro com os povos originários iria causar na implementação de um projeto colonial, e por que não social, nos sertões da capitania. Neste discurso, assume-se que a subordinação do indígena ao “branco” colonizador era, então, uma premissa civilizatória.

No trecho citado, menciona-se também que Teodósio de Oliveira Ledo – o militar incumbido de fundar a povoação para proteger aquele território e mitificado no hino municipal anteriormente apresentado – teria chegado já no que seria Pombal, termo que só apareceu em 1772, quando a então povoação de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó passou a ser a vila de Pombal.<sup>6</sup> Esta é uma ferramenta discursiva que se repete na obra analisada como forma de cristalizar a importância e o enraizamento histórico do lugar.

A chamada bandeira do capitão Teodósio de Oliveira Ledo, descrita como oficial e genuinamente nossa, é apontada como superior em relevância às investidas primeiras da Casa da Torre da Bahia, por ter fundado a povoação colonial nos Sertões da Paraíba que evoluiria até os dias de hoje. Essa enaltecida bandeira foi formulada como ação civilizadora, como ação pioneira que conduziu o interior da Paraíba à já mencionada evolução, uma “evolução nossa”. Em visões do tipo, não foram apenas aquelas ações que ganharam especificidades. Conforme pontuou Amado (1995), foi a partir de conotações desta ordem, construídas durante o período colonial, que se definiram ideias de sertão na historiografia brasileira:

"Sertão", já se viu, designava não apenas os espaços interiores da Colônia, mas também aqueles espaços desconhecidos, inacessíveis, isolados, perigosos, dominados pela natureza bruta, e habitados por bárbaros, hereges, infiéis, onde não haviam chegado as benesses da religião, da civilização e da cultura (Amado, 1995, p. 148-149).

Por meio de suas concepções sobre as entradas, Seixas reproduziu e reforçou a categoria de sertões enquanto uma construção colonial, representativa de um espaço outro, a ser transformado. Foi uma das premissas de sua obra dar um tom específico aos fatos descritos, dando uma visão sua para o cenário onde eles vieram a ocorrer e deixar um legado. Ele defendeu, portanto, que as entradas

---

<sup>6</sup> Estudos como os de Lacerda (2021) e Moraes (2023) constataam que Teodósio de Oliveira Ledo, nomeado como Capitão-Mor dos sertões dos Cariris, Piancó e Piranhas, descendo através do rio Piancó, teria chegado até o entroncamento deste com o rio Piranhas. Próximo dali, de início, fundou o Arraial do Piancó, também conhecido como Arraial de Piranhas, que, logo depois, elevou-se a uma povoação que, em 1772, tornou-se a vila de Pombal. Mais tarde, em 1862, a vila foi elevada à categoria de cidade, sendo atualmente o Município de Pombal.

alcançaram e mapearam aquele interior da Paraíba, abrindo espaço para as conquistas do território, conquistas que o conduziram ao processo civilizatório.

## AS CONQUISTAS: PRELÚDIO DA “NOSSA COLONIZAÇÃO SERTANEJA”

Ao problematizar as identidades do Brasil a partir de teses do campo social e cultural concebidas por distintos intelectuais que refletiram sobre o tema, Reis (2006) defendeu que Gilberto Freyre, notável sociólogo das questões étnico-raciais brasileiras, produziu um relogio da colonização portuguesa, sendo um primeiro elogio produzido por Varnhagen, renomado historiógrafo das “origens” coloniais do Brasil. Ao aproximarmos essas prerrogativas com as perspectivas aqui lançadas, percebemos que Wilson Seixas, com *O velho Arraial de Piranhas* (Pombal), convidou o seu leitor a olhar para as ditas benesses das ações colonizadoras nos Sertões da Paraíba, inscrevendo seu discurso nessa seara intelectual que reproduzia um elogio dessas ações.

Ainda que não tenha remetido a nomes como Gilberto Freyre e Varnhagen, Seixas, integrante que foi do IHGP, também escreveu a partir de pertencimentos. Neles, ele não incorporou as contribuições culturais indígenas e tampouco as afro-brasileiras, sobre as quais por completo silencia, à sua pretensa ideia de evolução social sertaneja, considerando-a oriunda das conquistas portuguesas. Quanto a estas, suas atenções estiveram a todo tempo voltadas para as realizações dos sertanistas, daqueles homens que teriam aberto caminho para o progresso do interior da Capitania. Assim ele descreveu um dos primeiros confrontos do capitão-mor com indígenas locais, cujo desfecho em favor desse suposto bandeirante não tardou, sem tanto esforço, a ponto de receber homenagem junto à nomeação da futura povoação:

De fato a batalha aconteceu, mas a vitória de Teodósio se deu sem necessidade de fazer promessas, porque este tinha muitos armamentos, munições e poder de fogo, contra os arcos, flechas e tacapes dos inocentes indígenas. [...]. Daí a história registrar o “bom sucesso” do nosso capitão-mor na entrada ao Sertão das Piranhas, para o lugar conhecido como Arraial do Piancó ser batizado como Arraial de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó [...] (Seixas, 2004, p. 138).

Quando tratou os indígenas de forma pejorativa, diminuindo-os culturalmente, minimizando sua capacidade de resistência, de certa forma, o autor reforçou suas posições em favor do conquistador. E quando remeteu ao capitão-mor como sendo “nosso”, destacou a associação entre os feitos dele e a nomeação do povoamento proveniente das vitórias obtidas. Seixas foi deixando cada vez mais nítido, ao longo da obra, que as estratégias discursivas das quais se utilizou estiveram ancoradas nas idealizadas contribuições que as conquistas que antecederam a colonização local legaram para a história dos Sertões da Paraíba. Por conseguinte, podemos dizer que Seixas construiu o seu discurso em cima do que entendeu como um legado inabalável.



Com efeito, Wilson Seixas intencionou falar em nome da chegada da civilização àquele interior, tratando das raízes de uma sociedade que julgou já nascer grande. No relato anteriormente apresentado, ele discorreu e destacou a respeito de uma dita barbárie sendo eliminada em nome de uma organização social e política que lançou as bases para que os Sertões da Paraíba fossem o que são hoje. Assim sendo, este autor colaborou para o que Ceballos e Lacerda (2017) compreenderam como a tentativa de se produzirem verdades sobre idealizadas identidades que dão a ver uma determinada espacialidade local e regional.

Isto explica a apresentação dos fatos históricos em um encadeamento evolutivo e linear. A obra fala de entradas, que culminaram em conquistas, que ocasionaram o estabelecimento de povoações, que, enfim, definiram aqueles sertões na então contemporaneidade. Em termos de análise histórica, esta linearidade é suscetível de isolar os fatos no tempo, prejudicando a sua contextualização. Mas ela não deixou de ser uma estratégia discursiva, mobilizada, no caso, para apresentar a versão que se quer dos fatos e da historicidade neles contida.

Em Seixas, as expedições de conquistas nos Sertões da Paraíba – ações inscritas em uma temporalidade específica, que foi a virada entre os séculos XVII e XVIII – foram usadas para explicar, diretamente, o contexto que lhe era contemporâneo no século XX. Ainda que tenha apresentado no livro outros períodos da história de Pombal, sempre em caráter linear, a todo momento este autor se utilizou de pontes entre fatos temporalmente distantes, tal como na descrição exposta a seguir, sobre a origem e a consequência de uma colonização sertaneja:

Data dessa época, portanto, a nossa colonização sertaneja. E Pombal foi o primeiro agrupamento humano que se formou no Alto Sertão da Paraíba, centro de irradiação territorial e fonte de onde se originaram outros núcleos de população que, hoje, ostentam sob os mais variados aspectos, a grandeza do seu progresso e o luxo da sua civilização (Seixas, 2004, p. 130-131).

Com dizeres desta natureza, o autor intencionou ratificar o “bom sucesso” de todas as investidas que a colonização portuguesa efetuara naqueles sertões. Tratou ele de legitimar os aspectos que conduziram à presença do projeto colonial no que descreveu como um vasto e misterioso território. Não deixou, obviamente, de engrandecer a cidade Pombal, mais uma vez remetida diretamente àquele passado distante, pois, em suas acepções, foi devido ao progresso civilizacional dela que outros povoamentos proliferaram e evoluíram no decorrer do tempo no interior paraibano. Isto foi exposto como forma de mitificar a origem povoadora de Pombal, onde os outros núcleos populacionais dali originados são representantes de sua grandeza.

O propósito da conquista do interior, tal como ela foi discursivamente elaborada na obra, era o de desbravar e preparar o território para outra etapa evolutiva: o povoamento. Reproduzindo visões recorrentes e cristalizadas, o autor reiteradamente reforçou a conquista como condição imediata para se povoarem os sertões que designou. Tomou-os como espaços por serem conquistados e povoados,

desconsiderando a presença que ali já existia, a dos povos indígenas, como se ela não configurasse capacidade povoadora antes da chegada da colonização. Seixas até expôs em dado momento que os indígenas eram, de fato, os donos primeiros das terras. Mas sua argumentação parou por aí, e os habitantes originários foram mencionados apenas quando integraram aldeamentos sob a égide de missões católicas, que objetivavam confiná-los e convertê-los.

O povoamento somente poderia ser explicado a partir da presença colonizadora nos sertões, afinal, a povoação ali estabelecida a ela serviria. Com veemência, Seixas defendeu que foi a criação de gado, norteadora do estabelecimento das fazendas nas ribeiras do Piancó e do Piranhas, quem impulsionou o progresso socioeconômico do lugar, não se ocupando em mencionar outras nuances, políticas e culturais, que o dinamizaram. Reiterando suas posições, ele afirmou: “Insista-se: foi a pecuária a primeira etapa de evolução social e econômica da região sertaneja” (Seixas, 2004, p. 170). O papel do conquistador, um senhor local e, posteriormente, fazendeiro, é quem ocupa a centralidade nas argumentações do autor.

Elogios aos sertanistas já aparecem nas descrições quando Seixas se referiu aos primeiros homens que alcançaram aqueles sertões, alguns a serviço da Casa da Torre, os quais classificou como valentes e destemidos. Mas os feitos que o autor fez questão de ressaltar, sem dúvida, foram os de Teodósio de Oliveira Ledo, cuja família se estabeleceu naquelas localidades, inclusive arrendando terras pertencentes à Casa da Torre (Lacerda, 2021; Morais, 2023). Ao comentar sobre o falecimento de Leonor Pereira Marinho, viúva do antigo proprietário da Casa da Torre, Seixas fez questão de se referir também à partida do capitão-mor:

Faleceu também em abril de 1732, o capitão-mor Teodósio de Oliveira Ledo, já velho e cego, cercado dos parentes e amigos, e ainda mais com a consciência tranquila de que muito havia concorrido para o povoamento e colonização do interior da Paraíba. Foi ele realmente o verdadeiro desbravador dos sertões da Paraíba (Seixas, 2004, p. 159).

Embora, naquele momento, estivesse comentando a respeito de outras personagens inseridas na trama descrita, Seixas prontamente encontrou uma forma de direcionar seu discurso para aquele que, em sua visão, mereceu os maiores créditos nessa empreitada colonizadora. Afinal, “[...] foi a família Oliveira Ledo quem levou a efeito a conquista do interior paraibano” (Seixas, 2004, p. 130). Para não sermos omissos, é preciso registrar que Seixas afirmou não concordar e não escondeu o que chamou de crueldades praticadas por Teodósio em relação aos indígenas. Ainda assim, tal constatação não parece ter sido suficiente para ele minimizar os préstimos de quem classificou como um verdadeiro desbravador.

É preciso sempre lembrar que a escrita de Wilson Seixas referente às ações expedicionárias é genérica, identificada e concentrada na ideia de um mito fundador. Como já se observou, isso evidencia o comprometimento deste intelectual em relação ao tema que ele optou por historiar. Em

consequência, os indivíduos conduzidos ao lugar de destaque nas ações que ele relatou, muitos já denominados de sertanistas, também foram eivados de conotações simbólicas em relações à história dos sertões. Razão pela qual o capitão-mor Teodósio de Oliveira Ledo foi identificado, por Seixas, ora como grande desbravador, ora como pacificador – termos que não se opõem em sua obra, pois aquele que desbrava, na realidade, pacifica o lugar a seu modo –, como alguém de extraordinário valor militar e como o velho cabo.

Teodósio seria um símbolo do que Seixas (2004, p. 157) definiu como o “novo homem paraibano, surgido das guerras holandesas, em 1654 [...]”, ao fazer referência à expulsão dos holandeses da Capitania da Parahyba, fato que possibilitou as investidas ao interior. Ele compreendeu que esse novo homem, ainda que arruinado economicamente pela guerra, estava renovado, sendo heroicizado a partir de figuras como Teodósio. Seria este o homem capaz de dar vida e progresso ao território que Seixas nomeara como descampado e misterioso. Até porque a figura do bandeirante muito é lembrada e representada na sociedade brasileira.

O que esteve em jogo na construção destes olhares foram certas modalidades enunciativas. Como uma delas, o autor fez uso da repetição do discurso, característica que oportunamente lhe é própria. Como indicou Foucault (1999, 2008), o discurso é sempre articulado estrategicamente e pode, ocasionalmente, ser reelaborado, mas também reforçado e repetido. Em tentativas de impor particularidades sobre as expedições e suas contribuições aos sertões, Seixas regularmente adjetivou os indivíduos que destacou. Já o termo nosso(a), como vimos, foi notadamente repetido em suas descrições. Descampados e misteriosos sertões são também designações que apareceram em mais de uma ocasião em seu livro como forma de valorizar ainda mais a conquista do interior paraibano. As regularidades e modalidades enunciativas que influem sobre os discursos têm os seus efeitos, suas vontades de verdade (Foucault, 1999).

A análise de Ceballos e Lacerda (2017) demonstrou que, para alguns setores da sociedade local – especialmente aquele formado por comunicadores sociais, escritores e professores –, há a ideia, generalizante e não problematizada, de que no passado os Sertões da Paraíba pertenceram à Pombal. Pelo que analisamos, não há dúvida de que os discursos romanceadores das expedições mobilizados por Wilson Seixas contribuíram com tal visão, no sentido de que eles têm configurado ao longo dos anos uma espécie de reserva intelectual, apropriada, sempre quando se querem reproduzir verdades sobre a história do lugar. Porém, ainda de acordo com Ceballos e Lacerda (2017), esse idealizado resgate e valorização das origens locais emergiram como uma resposta à perda da centralidade política de Pombal ao longo do século XIX.

Fato é que, durante o século XVIII, as instâncias jurídico-administrativas com autoridade sobre os sertões de Piancó e Piranhas se localizavam na povoação que, posteriormente, foi a vila de Pombal (já contando na época com Câmara de Vereanças, como indicou Lacerda, 2021). Mas existem

muitas complexidades nessa visão, em razão de que o contexto político, civil e territorial era outro naquele período. Havia muitas dinâmicas, circulações, conexões e disputas internas pelo controle do território (Formiga, 2014; Lacerda, 2021; Moraes, 2023). Havia ali uma outra sociedade que Seixas buscou transladar até o presente por meio de enunciados discursivos, cuja intenção foi a de formar saberes disciplinadores (Ceballos; Lacerda, 2017).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das primeiras conclusões deste artigo foi perceber que, em *O velho Arraial de Piranhas (Pombal)*, Wilson Seixas se apropriou das expedições de entradas e conquistas nos Sertões da Paraíba para formular discursos em defesa do que supôs serem as benfeitorias trazidas pela colonização portuguesa ao território. Para falar dessa herança que julgou ser originária da presença colonizadora naquele interior, este autor mobilizou estratégias discursivas em torno das ações dos sertanistas, tais como a repetição, a enunciação e a carga valorativa, articuladas com as identidades remetidas ao lugar, para constituir suas verdades em torno de acontecimentos e indivíduos situados no passado, mas deslocados ao presente para justificá-lo.

Com relação às entradas descritas, ações que Seixas compreendeu como bandeiras no intuito de enaltece-las, foram tomadas na obra em análise enquanto signos de coragem e bravura por parte de indivíduos que “descortinaram” os sertões ditos misteriosos. Os discursos das entradas foram delineados, em especial, como uma maneira de figurar e categorizar o particularismo que o autor imputou aos acontecimentos historiados. Em outras palavras, definiu-se discursivamente um recorte social específico. O que o autor quis dizer é que a história dos Sertões da Paraíba, notadamente a história da sua cidade de Pombal, é perpassada por atitudes específicas e heroicas desde as primeiras incursões que abriram caminho e atingiram este território.

Verificamos também que as conquistas nos e dos sertões foram elaboradas discursivamente como o resultado do assim chamado bom sucesso das ações dos “povoadores”. Utilizamos o termo conquista(s), em sentido plural, porque, em Wilson Seixas, foram várias as conquistas descritas. Em sua obra, elas representaram o sucesso em terras distantes, a subjugação dos indígenas, a consolidação de um povoamento colonial, a evolução social dos sertões. Elas representaram a vitória do processo civilizatório. Para Seixas, foram as conquistas que deram (novos) nomes ao território, (re)significando sua existência. Foram elas que solidificaram as bases para uma história linearizada que o autor fez transcender as temporalidades, trazendo-as até o seu presente como forma de identificar e engrandecer o seu lugar a partir do mito das origens.

Este artigo se ocupou, portanto, das construções discursivas em torno de um tema clássico na historiografia brasileira: as expedições que rumaram aos sertões. Nesse caso, ao qual nos detivemos,

os dizeres a respeito das ações expedicionárias desveladas tiveram por objetivo delimitar uma dada imagética sobre um recorte do interior da Paraíba, isto é, constituir modos de ver e dizer os sertões, em uma relação direta entre o seu passado e o seu presente. Com as suas enunciações e formulações discursivas voltadas à produção de identidades, O velho Arraial de Piranhas (Pombal) veio a criar formas de inteligibilidade para a história e a memória local que transcenderam suas páginas, cristalizando-se em boa parte desta sociedade sertaneja.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O rapto do sertão: a captura do conceito de sertão pelo discurso regionalista nordestino. *Observatório Itaú Cultural*, São Paulo, n. 25, p. 21-35, maio/nov. 2019. Disponível em: <https://portal-assets.icnetworks.org/uploads/attachment/file/100102/01-Durval.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2023.

AMADO, Janáina. Região, sertão, nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 145-151, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1990/1129>. 07 jul. 2020.

ARAUJO, Valdei Lopes de. Sobre o lugar da história da historiografia como disciplina autônoma. *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 79-94, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20629/11044>. Acesso em: 25 mar. 2025.

BRUNET, Clemildo. *Dez anos sem Wilson Seixas o desbravador da nossa história!* 2012. Disponível em: <https://clemildo-brunet.blogspot.com/2012/03/dez-anos-sem-wilson-seixas-o.html>. Acesso em: 10 jul. 2023.

CEBALLOS, Rodrigo; LACERDA, Larissa Daniele Monteiro. “Um berço para a civilização do sertão”: a cidade de Pombal e suas representações identitárias no interior paraibano. *Revista de Pesquisa Interdisciplinar*, Cajazeiras, n. 2, suplementar, p. 147-158, set. 2017. DOI: <https://doi.org/10.24219/rpi.v2i2.0.300>.

FORMIGA, Mayara Millena Moreira. *Nas veredas do sertão colonial: o processo de conquista e a formação de elites locais no sertão de Piranhas e Piancó (Capitania da Parahyba do Norte, c. 1690 – c. 1772)*. João Pessoa, 2014. 168f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6003/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2024.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

LACERDA, Larissa Daniele Monteiro. *Um novo território jurisdicional, uma nova dinâmica sociopolítica: o sertão do Piancó e os reflexos políticos da segunda metade do século XVIII no interior da Paraíba*. Natal, 2021. 214f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2021. Disponível em:

[https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/32656/1/Novoterritoriojurisdicional\\_Lacerda\\_2021.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/32656/1/Novoterritoriojurisdicional_Lacerda_2021.pdf). Acesso em: 30 jan. 2024.

MALERBA, Jurandir. Teoria e história da historiografia. In: MALERBA, Jurandir. (Org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 11-26.

MONTEIRO, Luíra Freire; SANTANA, Flávio Carreiro de. Arquitetura da Paraibanidade: a construção da historiografia paraibana. In: MONTEIRO, Luíra Freire; SANTANA, Flávio Carreiro de. (Org.). *O passado ao nosso redor: histórias pela Paraíba*. 1. ed. Brasília: Rossetto, 2020. p. 19-43.

MORAIS, Yan Bezerra de. *Sertão em movimento: conexões, circulações e mobilidades nos sertões de Piranhas e Piancó da Capitania da Paraíba do Norte, Século XVIII*. Rio de Janeiro, 2023. 388f. Tese – (Doutorado em História). Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, 2023. Disponível em: [https://www.historia.uff.br/academico/media/aluno/2471/projeto/YAN\\_-\\_Tese\\_-\\_Sert%C3%A3o\\_em\\_Movimento.pdf](https://www.historia.uff.br/academico/media/aluno/2471/projeto/YAN_-_Tese_-_Sert%C3%A3o_em_Movimento.pdf). Acesso em: 07 nov. 2024

NASCIMENTO, George Silva do. *A “consciência histórica” paraibana: do IHGP à historiografia acadêmica*. Belo Horizonte, 2016. 281f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016. Disponível em: <https://historia.fafich.ufmg.br/defesas/508D.PDF>. Acesso em: 31 jan. 2024.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. *Intrepida ab origine: o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a produção da história local*. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora Ltda., 1996.

PERFIL dos sócios fundadores do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica. In: SARMENTO, Teldson Douetts et al. (Org.). *Revista do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica*. João Pessoa: Ideia, 2017. p. 40.

PEREIRA, Davi Jeferson; MACEDO, Helder Alexandre M. de. Wilson Seixas e representações sobre o sertão em “Viagens através da Província da Paraíba” (1985). In: FERNANDES, Paula Rejane. (Org.). *História dos Sertões: Intelectuais e Cultura*. 1. ed. Aracaju: Criação; Caicó: Programa de Pós-Graduação em História do CERES (PPGHC-UFRN), 2023. p. 15-25.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil*. De Varnhagen a FHC. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SEIXAS, Wilson Nóbrega. *O velho Arraial de Piranhas (Pombal)*. 2. ed. João Pessoa: Grafset, 2004.

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José C. de. *Formação do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.